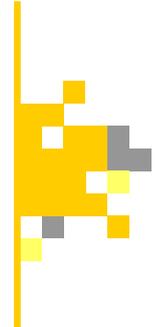


RESENHAS

José Renato Ferraz da Silveira ¹

Gabriela Martins de Oliveira ^{II}

O Ópio dos Intelectuais



Resenha do livro:

ARON, Raymond. **O ópio dos intelectuais**. Traduzido de Yvone Jean. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1980.

1 Aspectos introdutórios

A obra *O Ópio dos Intelectuais* de Raymond Aron (1955), é uma das mais vigorosas críticas já feitas ao marxismo e aos mitos da esquerda. Nesse livro, Aron esclarece e denuncia a banalização da violência pela esquerda, em nome de ideias e/ou hipóteses- o proletariado, o rumo da história, a redenção final- que, segundo ele, não fazem sentido. Nos dias de hoje, seus escritos possuem grande relevância ao questionar as armadilhas ideológicas que podem influenciar a sociedade e, especialmente, os formadores de opinião. Em tempos de crescente polarização política e de discurs-

os que frequentemente simplificam questões complexas em narrativas de "bem contra o mal", Aron oferece uma análise crítica das ideologias. Ele alerta sobre como as políticas podem se tornar dogmas, transformando-se em uma espécie de "religião secular" que inibe o pensamento crítico e impede um entendimento pleno da realidade

2 Sobre o autor

Raymond-Claude-Ferdinand Aron nasceu em Paris, em 14 de março de 1905. Formado pela École Normale Supérieure, lecionou na Sorbonne, na Universidade de Toulouse e na École Nationale d'Administration, mas foi a permanência na Alemanha de Weimar, como professor de filosofia, que marcou mais profundamente sua formação intelectual. Em um de seus livros mais conhecidos,

¹ Doutor em Ciências Sociais (Política) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Professor, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil.
jreferraz@hotmail.com,  <https://orcid.org/0000-0001-7751-7583>

^{II} Acadêmica de Relações Internacionais, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil.
02gabu@gmail.com,  <https://orcid.org/0000-0002-5605-4409>

L'Opium des intellectuels (1955; O ópio dos intelectuais), questionou Jean-Paul Sartre e os marxistas por seu apoio incondicional à União Soviética. Em De Gaulle, Israël et les juifs (1968; De Gaulle, Israel e os judeus) manifestou seu apoio ao estado de Israel.

3 Sobre a obra

O Ópio dos Intelectuais, de Raymond Aron, é uma análise crítica sobre a relação dos intelectuais com as ideologias políticas, especialmente o marxismo e a ideia de revolução. A obra examina como os intelectuais muitas vezes abraçam crenças políticas com fervor quase religioso, tornando-se defensores incondicionais de ideais que, ao invés de promoverem uma visão crítica e objetiva, acabam por obscurecer a realidade e simplificar questões complexas. Aron critica a tendência desses pensadores em idealizar a esquerda e rejeitar a burguesia de forma acrítica, abordando temas como a polarização política, o culto ao Estado e a ilusão da revolução como caminho para o progresso. Ele alerta para os perigos de uma "fé secular" em ideologias, que desvia os intelectuais de sua missão de questionar e de promover o pensamento crítico, transformando a política em uma espécie de "ópio" que inibe a racionalidade e o compromisso com a verdade.

A obra está dividida em partes: *Primeira*

Parte - Mitos Políticos (p.43-110); *Segunda Parte - Idolatria da História* (p.111-176); *Terceira Parte - A alienação dos intelectuais* (p.177-244); *Conclusão - Fim da Era Ideológica?* (p.245-257).

Em **mitos políticos** de *O ópio dos intelectuais*, Raymond Aron reflete sobre a relação ambígua entre intelectuais e ideologias, a primeira parte da obra é estruturada em três capítulos, que dissecam e criticam diferentes facetas da adesão ideológica: a divisão entre esquerda e direita, o ideal da revolução como caminho para o progresso, e o culto ao marxismo. Em uma primeira análise, o capítulo *o mito da esquerda*, Aron inicia com a crítica à dicotomia entre esquerda e direita, revelando como esses conceitos funcionam mais como símbolos do que como definições precisas de posicionamento político. Para ele, a simplificação da política em duas categorias antagônicas— uma vista como a defensora da justiça e do progresso e a outra como retrógrada— promove uma visão maniqueísta que impede uma análise crítica. Ao destacar como os intelectuais tendem a atribuir um valor moral absoluto a uma dessas identidades, Aron argumenta que isso cria um tipo de "ópio" intelectual, uma vez que essa identificação os distancia da complexidade real dos fenômenos políticos. Como ele aponta, o compromisso com a verdade é sacrificável quando o objetivo é defender uma causa— sugerindo que a busca pela verdade cede espaço à devoção a um ideal, mesmo que ele

simplifique excessivamente as realidades políticas e sociais.

No segundo capítulo, *o mito da revolução*, o autor aborda o ideal da revolução como forma de progresso, criticando a visão messiânica da transformação radical como solução universal para os problemas sociais. É usado o argumento em que a revolução é frequentemente vista como um fim em si, sustentada pela crença de que mudanças abruptas e estruturais levam inevitavelmente a uma melhoria social. Contudo, Aron enfatiza que essa idealização ignora o fato de que revoluções também trazem novas crises e dilemas. Ao apresentar a revolução como uma promessa ilusória de progresso automático, Aron busca desconstruir essa imagem de salvação. De acordo com Aron, “A revolução não é nem uma fatalidade nem uma vocação é um meio” (Aron, p. 74), sugerindo que as transformações reais e duradouras na sociedade frequentemente acontecem de forma gradual e por meio de reformas, e não por rupturas violentas.

O terceiro capítulo, *o mito do proletariado*, examina a relação dos intelectuais com o marxismo caracterizado como uma espécie de “religião secular” que atrai por oferecer uma explicação abrangente e definitiva das contradições sociais. Raymond Aron ressalta como o marxismo exerce fascínio ao prometer um diagnóstico totalizante dos problemas e uma solução final, fornecendo

aos intelectuais um senso de missão histórica. No entanto, o autor enxerga essa adesão como problemática, pois ao tratar o marxismo como verdade absoluta, os intelectuais abrem mão de uma visão crítica e objetiva das realidades históricas e econômicas. Sob essa perspectiva, o autor alerta para os perigos do “absolutismo” do marxismo, que, em vez de iluminar a realidade, tende a esclarecê-la ao impor interpretações rígidas e simplistas. Assim, ele considera que o marxismo, para muitos, funciona como uma resposta total às inquietações intelectuais e morais, oferecendo uma certeza quase dogmática e atraindo aqueles que buscam uma “missão” ou um propósito coletivo.

Em suma, na primeira parte de sua obra, Aron constrói uma análise crítica e detalhada dos efeitos nocivos que a adoção cega de ideologias exerce sobre a capacidade crítica dos intelectuais. Ao utilizar termos como “ópio” e “religião secular”, ele denuncia a adesão ideológica como uma forma de narcotização do pensamento, onde os intelectuais, em vez de questionarem as contradições das próprias crenças, reforçam um sistema de convicções rígidas e moralistas. A análise de Aron busca alertar para o risco de abandonar a racionalidade e a imparcialidade em favor de um ideal político, o que pode transformar a vocação crítica do intelectual em um simples reforço das próprias ilusões.

Na segunda parte *idolatria da história*, re-

aliza-se uma análise crítica das ideologias modernas, especialmente o marxismo, e sua relação com os intelectuais que, segundo ele, tratam esses sistemas de pensamento como uma nova religião secular. Ao abordar o quarto capítulo, *homens de igreja e homens de fé*, Raymond discute como muitos intelectuais substituem a religião tradicional por uma "fé secular" em ideologias, especialmente no marxismo. Ele argumenta que essa adesão cega às ideologias torna-se um refúgio que permite aos intelectuais ignorarem a complexidade do mundo real. Segundo Aron, a ideologia transforma-se em um refúgio, permitindo que os homens ignorem as complexidades e incertezas do mundo real.

Sob esse viés, o quinto capítulo *o sentido da história*, aborda a devoção quase religiosa dos intelectuais às causas de esquerda. Aron critica a postura inquestionável que muitos adotam, comprometendo seu senso crítico. Paralelamente é descrita essa devoção como uma "paixão ideológica que frequentemente obscurece a razão", indicando que essa perspectiva compromete uma análise racional dos regimes socialistas e comunistas. No sexto capítulo, *a ilusão da necessidade*, é questionada a visão crítica dos intelectuais sobre a burguesia e o capitalismo, apontando que essa visão é, muitas vezes, parcial e negligente quanto às liberdades proporcionadas por esses sistemas. Aron afirma que, embora a ideologia burguesa tenha limitações, ela permite uma liberdade que o

socialismo, em sua forma dogmática, frequentemente restringe. Ele ressalta que a crítica burguesa tem suas próprias limitações, mas também permite a liberdade e o progresso que a ideologia socialista frequentemente sufoca.

Em *os intelectuais e a sua pátria*, enfatiza a dialética marxista e como ela é usada para justificar práticas políticas controversas. Aron critica o uso da dialética para legitimar ações moralmente questionáveis em nome de um bem maior, destacando a flexibilidade da dialética como um instrumento perigoso. Assim como é apontado que essa lógica permite justificar ações em nome de um ideal futuro, criando uma moralidade ambígua, onde a dialética torna possível justificar o injustificável em nome de uma utopia futura, defende a necessidade de manter o ceticismo e a independência intelectual. Ele acredita que os intelectuais devem preservar a racionalidade e a crítica, ao invés de serem seguidores de uma fé ideológica. Ao longo de sua obra, Aron desafia os intelectuais a resistir à tentação de substituir uma fé religiosa por uma fé ideológica, defendendo a liberdade e o ceticismo como valores fundamentais para o pensamento crítico e a integridade intelectual.

Ao decorrer da terceira parte de *O Ópio dos Intelectuais*, **a alienação dos intelectuais**, o autor examina as "mitologias revolucionárias" que influenciam o pensamento dos intelectuais de esquer-

da e como essas narrativas formam uma espécie de "ópio" que afeta sua visão política e social. Aron argumenta que, ao buscar uma utopia, esses intelectuais ignoram ou justificam as falhas dos regimes que dizem defender, gerando uma alienação similar à oferecida pela religião. Ao iniciar o oitavo capítulo, *os intelectuais e a sua pátria*, é percebido como a ideia de revolução é mitificada e se torna um substituto religioso. Raymond argumenta que os intelectuais transformam a revolução em uma promessa sagrada que dispensa uma revisão crítica, os levando a idealizar o futuro e ignorar os defeitos de regimes autoritários. "A ideia de revolução serve de substituto religioso", afirma Aron, destacando que essa convicção é, muitas vezes, uma forma de justificar ações violentas e repressivas sob o pretexto de um bem maior. Como também, ele explica que, ao tornar a revolução uma crença absoluta, muitos intelectuais passam a ver nela uma fonte de sentido existencial e espiritual, mesmo que isso signifique fechar os olhos para as injustiças. Conclui-se que essa abordagem transforma a revolução em um "ópio" que complica a realidade, uma crítica direta aos que adotam a ideologia revolucionária como uma "religião secular".

Os intelectuais de uma religião, neste capítulo é explorado como o Estado se torna o novo ídolo dos intelectuais revolucionários, que o enxergam como o principal instrumento para alcançar a igualdade e a justiça social. Ele destaca

que essa adoração ao Estado leva a um abandono de valores democráticos fundamentais, já que os intelectuais aceitam a repressão desde que ela seja feita em nome da "libertação" do povo.

"Fizemos uma distinção entre os homens da Igreja e os homens de fé, entre aqueles que aderem primeiro ao partido e aqueles que subscrevem primeiro ao profetismo. A distinção não coincide com a que existe entre o militante e o simpatizante. O militante deu o passo decisivo e aceitou a disciplina, enquanto o simpatizante permanece no limiar". (Aron, p.226)

Observa-se o questionamento da crença dos intelectuais na libertação final como um objetivo absoluto. Assim, é observado que muitos deles se agarram a essa promessa de emancipação total como uma salvação secular, sem considerar os meios utilizados para chegar a essa finalidade. A mística da libertação transforma a luta política em um fim em si mesmo, onde os meios são ignorados, destaca Aron, criticando a negligência moral que muitas vezes caracteriza o apoio às revoluções. Como também, ao idealizar a libertação, os intelectuais acabam ignorando a complexidade da condição humana e simplificando as questões sociais a uma dicotomia entre opressores e oprimidos. Para ele, essa visão maniqueísta é um obstáculo para a construção de uma sociedade verdadeiramente livre e justa.

Por fim, na conclusão: fim *da era ideológica*? explora como as ideologias, embora se adaptem às circunstâncias de cada época, frequentemente falham em transformar sociedades com a profundidade que prometem. Raymond Aron argumenta que, apesar das mudanças ideológicas e sociais, o mundo moderno ainda depende de burocracias e estruturas de poder estabelecidas, em vez de alcançar uma verdadeira paz ou igualdade através das ideologias revolucionárias. Ele analisa o impacto das ideologias, como o nacionalismo e o comunismo, mas também aponta a fragilidade dessas construções quando confrontadas com a realidade das relações internacionais e dos interesses de cada nação. Aron destaca o contraste entre o otimismo do pensamento iluminista, que associava o progresso técnico e a razão à emancipação humana, e o resultado prático de sistemas políticos e econômicos modernos, que mantêm as desigualdades. Para Aron, o "fim da idade ideológica" é como um momento em que as ideias revolucionárias perdem o poder de transformar sociedades devido ao ceticismo e à dependência do progresso técnico, em vez de um ideal de justiça ou igualdade. Reflete-se também, sobre o papel dos intelectuais que promovem a igualdade a qualquer custo, desconsiderando os perigos de regimes totalitários que surgem em nome desse ideal. Ele observa que, ao buscar a igualdade absoluta, muitos acabam justificando a opressão e a

violência contra aqueles que não compartilham dessa visão. Aron enfatiza que a busca pela igualdade absoluta leva à tirania, pois ignora as diferenças individuais e impõe um padrão homogêneo.

Ele finaliza com uma advertência sobre os falsos profetas da igualdade, que sacrificam a liberdade individual em nome de um suposto bem coletivo. Para Aron, a verdadeira igualdade deve respeitar a diversidade e não impor uma uniformidade.

"Talvez o intelectual deixe de se interessar pela política no dia que descobrir as suas limitações. Aceitemos com alegria esta promessa incerta. Não estamos ameaçados pela indiferença [...] Se a tolerância nasce da dúvida, que se ensine a duvidar dos modelos e das utopias, a recusar os profetas da salvação, os anunciadores de catástrofes". (Aron, p. 257)

Em resumo, é uma análise das armadilhas ideológicas que acompanham a paixão revolucionária. Aron expõe como a idealização de conceitos como revolução, Estado, libertação e igualdade podem desviar os intelectuais da crítica racional e levá-los a apoiar sistemas opressivos. Ele conclui que, para evitar o "ópio" ideológico, é fundamental que os intelectuais cultivem uma postura de questionamento contínuo e resistam à tentação de transformar a política em uma nova religião.

Referências

ARON, Raymond. **O ópio dos intelectuais.**

Traduzido de Yvone Jean. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1980.

Coleção Pensamento Político, Título Original: **L'opium des intellectuels.**